

Ecumenismo e convívio solidário com os Kulina

A causa indígena também é ecumênica. No Acre, em meio à densa floresta amazônica do Alto Purus, Lori Altmann e Roberto Zwetsch - um casal de pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) - junto com os filhos Pamaomid e Maurá - convivem há 5 anos com os Kulina da aldeia de Maronaua. Conversando, trocando idéias sobre a validade do trabalho pastoral entre os índios, os luteranos Lori e Roberto explicam que o engajamento na causa indígena teve muito a ver com o tipo de formação que receberam. "A gente veio de um seminário de formação luterana que iniciou, nos anos 70, um novo processo de discussão teológica".

Naturais do Rio Grande do Sul, Lori e Roberto, em 1975, na Faculdade de Teologia de São Leopoldo, onde se conheceram, participaram, junto com colegas seus - professores, estudantes e teólogos do Seminário Jesuíta de São Leopoldo, de um grupo de estudos extracurricular sobre a questão indígena, o qual lhes proporcionou um contato direto com os índios no Estado - os Kaingang mais especificamente. De positivo, contudo, esse diversificado grupo de estudos colocou um desafio concreto para o casal de pastores luteranos: "Por que não nos dedicar à causa indígena, como tarefa pastoral?"

Aos poucos, o desafio de optar pelo trabalho com os índios foi se tornando realidade na vida de ambos. Aprendendo a conviver com uma comunidade de estilo de vida completamente diferenciado da sociedade brasileira, no interior da Amazônia, os dois vão se enquadrando no dia-a-dia dos Kulina, um povo que se organiza em torno de famílias extensas. "A gente procura, vivendo lá como uma família pequena, participar desse modo de vida". O trabalho na aldeia de Maronaua é desenvolvido conforme o costume deste povo, da família lingüística Aruak: Roberto participa das caçadas, da pescaria, tendo de providenciar o sustento para sua família; Lori participa das atividades próprias das mulheres, principalmente o preparo da alimentação do dia-a-dia. Através da preocupação com a subsistência, há ainda a integração em um ritmo de vida, em um tipo de trabalho que é próprio da comunidade Kulina.

São desenvolvidas, também, outras tarefas concretas a pedido da comunidade, como programa de alfabetização, cuidado com a saúde, a luta pela terra, a busca de soluções para a questão econômica. "Há ainda o as-

No final da VI Assembléia Nacional do Cimi, realizada em Goiânia, em julho, o casal de pastores luteranos Roberto Zwetsch e Lori Altmann manteve uma conversa informal com o PORANTIM. Eles falaram um pouco de tudo: como é o seu dia-a-dia entre os Kulina, de evangelização, de ecumenismo, de cultura, da necessária solidariedade da sociedade nacional com as lutas dos povos indígenas no Brasil. Enfim, de sua dedicação incondicional à causa indígena.



Pastor Robert Zwetsch



Lori e a filha Pamaomid

pecto organizativo, diz Lori, uma das coisas que a gente está estimulando". Um exemplo disso têm sido as Assembléias de Lideranças Indígenas entre os Kulina e com outros povos da região.

EVANGELIZAÇÃO

Gravador ligado. A pergunta de co-

mo encaram o processo de evangelização junto aos Kulina, os pastores luteranos respondem que o cristianismo, aqui nestas terras, compactuou com um projeto colonialista que determinou a morte dos povos indígenas. "Fizemos uma revisão da Missão e chegamos à conclusão de que, se

nós temos alguma coisa a fazer junto a esses povos, é caminhar com eles. Evidentemente, essa caminhada tem de ser diferente daquela que foi no passado. Reconhecemos, hoje, que se o Cristo é algo de valor para esses povos, tem de ser um Cristo que os afirme como povos indígenas e não aquele Cristo do colonizador, que os oprimiu, que negou sua cultura, sua especificidade cultural".

Quando iniciaram seu trabalho com os índios, na década de 70, Lori e Roberto já estavam casados. Estão casados há mais de sete anos. Pamaomid, a primeira filha do casal, nasceu quando os dois estavam trabalhando com os Suruí, em Rondônia. Nasceu em uma cidade próxima à área indígena. Já Maurá, o segundo filho, nasceu na aldeia de Maronaua, entre os Kulina. Eles explicam que, em contrapartida, os Kulina são um povo que já está em contato com o branco há mais de 50 anos. O contato deles com a sociedade brasileira se deu através da frente de expansão seringueira, em que os nordestinos e os amazonenses, no fim do século passado e início deste, entraram no Acre para explorar o látex da borracha. Apesar disso, dizem eles, "as instituições básicas do povo Kulina estão vivas, sobretudo a pajelança, que é onde os Kulina mais mostraram a sua resistência cultural. Ali não se mexeu. Nós partimos do seguinte princípio: nisso a gente não pode mexer. A pajelança não pode ser, de modo nenhum, um atentado à fé que professamos".

O trabalho do casal de luteranos com os Kulina é desenvolvido em conjunto com o Regional do Cimi-Acre, a Operação Anchieta (Opan) e a Paróquia de Sena Madureira. Tanto Roberto quanto Lori esclarecem que o serviço aos povos indígenas só é possível em um trabalho ecumênico, porque o que as Igrejas mais têm feito é dividi-los. "Há lugares onde, além das divisões provocadas por comerciantes, por latifundiários, por diversas frentes de expansão capitalista da nossa sociedade, ainda tem as Igrejas que são, muitas vezes, um fator de divisão dentro do grupo. Portanto, se realmente a gente quer se colocar a serviço, a favor desses povos, temos de trabalhar no sentido ecumênico".

Valeu a pena? Sim, respondem os missionários luteranos. E mais: "Temos de reconhecer que nós somos representantes, na comunidade indígena, de uma sociedade dominadora. Nosso trabalho procura caminhar na perspectiva de um questionamento profundo do caráter da nossa própria sociedade, que é dominadora. Por isso, temos de chegar lá e conseguir conviver com eles, no meio de um povo dominado, como dominado".